



Conteúdos basilares para uma análise de crítica textual nos manuscritos do Novo Testamento: um percurso de textos pela Antiguidade, Idade Média e Renascimento

Cynthia Horn¹

Ricardo de Souza Nogueira²

Resumo: A crítica textual do Novo Testamento visa a organizar, analisar e cotejar os inúmeros manuscritos e demais fontes existentes sobre o cânon tradicionalmente aceito. Por meio dessas ações, o papel do crítico textual do Novo Testamento é construir a edição de um texto que seja o mais próximo possível dos inexistentes manuscritos autógrafos, que começaram a ser produzidos no século I d.C. O objetivo deste artigo é apresentar uma pesquisa de campo que lance um olhar sobre os manuscritos neotestamentários mais importantes e informações a seu respeito, posicionando-os nos períodos da Antiguidade, Idade Média, Renascimento Medieval e Renascimento.

Palavras-chave: Novo Testamento; crítica textual; manuscritos; Antiguidade; Idade Média.

Abstract: The textual criticism of the New Testament aims to organize, analyze and compare the numerous manuscripts and other existing sources on the traditionally accepted canon. Through these actions, the role of the textual critic of the New Testament is to build the edition of a text that is as close as possible to the non-existent autograph manuscripts, which began to be produced in the 1st century AD. The purpose of this paper is to present a field research which takes a look at the most important New Testament manuscripts and information about them, placing them in the periods of Antiquity, Middle Ages, Medieval Renaissance and Renaissance.

Keywords: New Testament; textual criticism; manuscripts; Antiquity; Middle Ages

¹ Mestre em Letras Clássicas pelo Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas (PPGLC) da UFRJ, 2020. Possui Pós-graduação *latu sensu* em Teologia do Novo Testamento (FAECAD, 2017) e Graduação em Teologia (FAECAD, 2015). Atualmente, é doutoranda do PPGLC – UFRJ.

<http://lattes.cnpq.br/6967611302828391>

E-mail: cynthiahorn@letras.ufrj.br

² Doutor em Letras Clássicas pelo Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas (PPGLC) da UFRJ, 2011. Mestre em Letras Clássicas (PPGLC – UFRJ, 2002). Possui Graduação (1996) e Licenciatura (1999) em Português-Grego (Faculdade de Letras da UFRJ). Professor de Língua e Literatura Grega da Faculdade de Letras da UFRJ. Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas da UFRJ.

<http://lattes.cnpq.br/5713553121285532>

<https://orcid.org/0000-0002-4719-4012>

E-mail: ricardonogueira@letras.ufrj.br





Introdução

Há algumas questões prementes que surgem ao estudioso que possui o interesse de se lançar a um estudo de crítica textual a respeito do *Novo Testamento*. Quais são os manuscritos remanescentes nos quais o crítico textual terá que se debruçar no intuito de realizar um trabalho verdadeiramente científico de estabelecimento do texto bíblico? Em que momento essas fontes vieram à luz? Qual é a validade de cada uma delas para as tomadas de posição na feitura de edições críticas do *Novo Testamento*? Essas são apenas algumas perguntas, entre muitas possíveis, que deveriam ser feitas no processo inicial de investigação. Em meio à complexidade de um estudo nesses moldes, cujo objetivo seria conceder uma resposta completa e profunda, na medida do possível, para cada uma dessas perguntas, o presente artigo, de maneira muito mais despretensiosa, se propõe a apresentar uma pesquisa primeva sobre informações que poderiam ser úteis a um primeiro olhar cientificamente investigativo sobre manuscritos importantes para o estabelecimento do texto bíblico contido no *Novo Testamento*. Para tanto, ampara-se o presente artigo em autores que estudam a recepção do texto do *Novo Testamento*, sobretudo, Aland & Aland e Paroschi,³ atendo-se ainda a conteúdos presentes em outros teóricos, conforme pode ser observado nas notas e na bibliografia.

Nesse sentido, neste primeiro momento, não há a intenção de se fazer, de fato, um trabalho de crítica textual, mas sim de levantar informações que possam balizar o início de um futuro estudo voltado para a crítica textual, tomando por objeto de estudo o *Novo Testamento*. Deve-se dizer que uma investigação preliminar desse tipo é uma ação indispensável para qualquer filólogo que, em um complexo momento oportuno posterior, queira se lançar aos problemas inerentes ao trabalho do crítico textual. Dessa maneira, é preciso salientar que o estudo em pauta se volta muito mais para dados genéricos acerca do todo do que para informações específicas direcionadas para os manuscritos remanescentes do texto bíblico, sendo o objetivo deste artigo mais levantar dados do que propor problemas e soluções sobre o texto grego. O estudo a ser feito pode ser definido como uma espécie de pesquisa de campo que serviria como conteúdo de base para futuras análises complexas relacionadas à crítica textual.

³ Os livros mais importantes consultados foram: 1) ALAND, Kurt & ALAND, Barbara. **O texto do Novo Testamento – Introdução às edições científicas do Novo Testamento bem como à teoria e prática da moderna crítica textual**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. 2) PAROSCHI, Wilson. **Crítica textual do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1993.





Paroschi⁴ elucida que a crítica textual é a parte da ciência que estuda a reconstrução de um texto original antigo cujo autógrafo (texto original) não mais existe, havendo, entretanto, cópias e recópias. Conhecida também por ecdótica, esta ação é utilizada para a investigação de qualquer texto antigo manuscrito, ou seja, feito de maneira artesanal, antes da imprensa oficial no século XV. Todo aparato utilizado pelo crítico textual do *Novo Testamento*, como o conhecimento da língua grega, paleografia e outras técnicas importantes, se direciona não só para os manuscritos (contendo várias famílias textuais diversificadas) copiados dos autógrafos, mas também para as citações do texto bíblico em outras literaturas, materiais e vocabulário especificamente de termos teológicos.

As variantes textuais, conforme falar-se-á um pouco mais à frente, eram comuns, pois toda cópia manual corria o risco de apresentar erros, ou seja, algum escriba comete um equívoco, o outro copia o mesmo erro e assim por diante, sendo um dos mais comuns as trocas de letras parecidas. Tais deslizos ocorreram porque, afinal, foram 14 séculos de cópias até a imprensa do século XV. Este processo de cópias e as variantes textuais são em si o maior problema da crítica textual, pois o objetivo de tal ciência, no caso específico do *Novo Testamento*, é estabelecer um texto grego o mais próximo possível do que se encontraria nos autógrafos, no século I d.C.

Uma das situações pela qual o crítico textual se depara quando se debruça sobre um texto tão antigo é a sua distância de tempo entre o original e as subsequentes cópias. No caso específico do *Novo Testamento*, há um texto que começou a ser escrito por volta de 49/50 d.C, sendo que já se tinha uma cópia da obra inteira por volta do ano 100. As melhores cópias que foram encontradas datam da metade do século IV. Pode aparentar, por causa desses três séculos, que o distanciamento das cópias para o seu autógrafo seja um problema, mas, se comparado com outras obras da Antiguidade, sobretudo, do mundo helênico, esse distanciamento é irrisório, já que o *Novo Testamento* é o texto antigo mais bem documentado e, por isso, aquele com mais confiabilidade em seu conteúdo.⁵ Comparando-se com alguns autores da Antiguidade, observa-se que os textos de Eurípedes foram escritos no século V a.C., sendo que a primeira cópia de um deles sobrevivente ao tempo foi feita apenas 1600 anos após a morte do tragediógrafo. Mesma distância temporal se encontra em Catulo para com suas cópias supérstites, e mesmo Platão, talvez o único autor da Antiguidade cuja obra chegou completa para a posteridade, tem um tempo de 1300 anos, entre seus textos escritos no século IV a.C e suas primeiras

⁴ PAROSCHI, Wilson. *Crítica Textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1993. p.13,14.

⁵ *Ibid.*, p.18





cópias conhecidas. Entre os antigos, somente Virgílio encontra-se com um de seus manuscritos existentes contidos no século IV, e, como o poeta morreu em 8 a.C., o espaço de tempo entre o autógrafo e o manuscrito se aproxima do que se tem em relação ao *Novo Testamento*.⁶

Outro aspecto problemático do estudo da crítica textual relativa ao *Novo Testamento* seria a grande quantidade de manuscritos existentes, havendo ainda citações diversas, como as expressas pelos Pais da igreja,⁷ o que aumenta o número de manuscritos existentes com erros no processo de cópias. Contudo, olhando-se por outro prisma, o cotejamento entre os vários materiais sedimenta ainda mais os acertos e a abundância de lugares em que se pode promover as correções das passagens. Esse fato inerente ao *Novo Testamento* torna-se, então, uma vantagem para estudos na área de crítica textual, conferindo ao texto editado uma maior credibilidade devido ao cotejamento entre as várias cópias existentes.⁸

As variações textuais são para o crítico textual seu desafio, porém visto sob a perspectiva de uma lente mais acurada, no caso do *Novo Testamento*, apesar de serem muitas as variantes, elas não são de tão grande importância a ponto de mudar substancialmente o texto quanto ao seu conteúdo escrito. A maioria das diferenças e erros se dá no emprego de preposições, partículas e modificações em nível de gramática, problemas esses que não promovem mudanças no valor e conteúdo doutrinal da obra.⁹

Ainda na época dos apóstolos, vários textos que um dia se integrariam ao cânon do *Novo Testamento* estavam circulando e sendo então copiados dos originais. Sendo assim, é impossível não haver, desde essa época, variantes textuais, como troca de letras e outros erros, ainda mais porque tais escritos foram reproduzidos, por vezes, por pessoas comuns e não por profissionais especializados em escritas. É de bom tom fazer uma breve explanação de alguns textos que tiveram nomes atribuídos a estes escritos/coleções.

Há o chamado Texto Alexandrino, uma vez que Alexandria havia se tornado, desde o período helenístico, a referência da cultura no mundo antigo, superando Atenas. Nessa cidade, os poemas de Homero foram submetidos a estudos críticos, podendo-se até dizer que foi nesse tempo que surgiu a figura do crítico textual. A tradição literária era considerada excelente, assim como as cópias do *Novo Testamento* que advieram daquele

⁶ *Ibid.*

⁷ Para maiores detalhes sobre os Pais da igreja ver o livro ALTAMER, Berthold. **Patrologia**. Madrid: Espasa Calpe S.A, 1956.

⁸ PAROSCHI, Wilson. **Crítica Textual do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1993, p.19

⁹ *Ibid.* p. 20.





lugar.¹⁰ Já o denominado Texto ocidental era oriundo de regiões de língua latina como Roma, Gália e Norte da África, que eram locais dos quais surgiriam um novo tipo de texto. Pelas suas reproduções um tanto livres, os textos dessa tradição não eram considerados como sendo de boa qualidade.¹¹ Há ainda o chamado Texto Cesareense, que parecia ser uma mescla do texto alexandrino com o Ocidental, mais se aproximando deste último. Por fim, deve-se mencionar o Texto Bizantino, que seria uma revisão de textos locais mais antigos feitos por Luciano de Antioquia antes de seu martírio, por volta de 312. Sabe-se que João Crisóstomo fez uso do texto bizantino e começara sua literatura em Antioquia em 381. Este tipo de texto faz uma mescla de elementos comuns aos três textos anteriormente citados, Alexandrino, Ocidental e Cesareense. O estilo de escrita é considerado elegante, havendo, contudo, interpolações e harmonizações.

Em 312 com o Édito de Milão e a conversão de Constantino ao cristianismo surgiria uma nova história para a recepção do texto do *Novo Testamento*, com cópias mais profissionais feitas nos *scriptoria* (casas de confecção de livros). No ano de 330, Constantinopla assume uma posição importante, sendo a nova capital do Império Romano no oriente. Lá usava-se o texto bizantino, que, pela importância da cidade, tornara-se o mais utilizado. Entretanto, não se afigurava como o único tipo de texto lido, pois logo neste período Eusébio fora encarregado por Constantino de entregar 50 cópias do *Novo Testamento*, e ele fazia uso do cesareense, sendo a probabilidade maior de esse ter sido o mais adotado anteriormente pelas igrejas locais. Contudo, mais adiante, constata-se que houve correções com base no texto luciânico.¹²

No século XVI, a invenção da imprensa, na Europa, trouxe o *Novo Testamento* grego impresso na versão Bizantina, que, com pequenas alterações, perdurou até o século XIX.¹³ Neste período, foram feitas duas edições do *Novo Testamento*, a Poliglota Complutense e a que ficou mais famosa como a primeira edição do *Novo Testamento* em grego, a de Desidério Erasmo, o humanista de Roterdã, publicada em Basileia.¹⁴

Nesse sentido, em meio a todo o percurso para a sua recepção para a humanidade, é óbvio afirmar que os textos neotestamentários autógrafos, que são os originais, já não mais existiam. O que se têm ainda hoje são cópias diversas que foram colecionadas e

¹⁰ *Ibid.* p. 83-84.

¹¹ *Ibid.* p. 85.

¹² *Ibid.* p. 88-90.

¹³ *Ibid.* p. 92.

¹⁴ ALAND, Kurt e ALAND, Barbara. **O Texto do Novo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 3.





preservadas. Metzger¹⁵ afirma que o *Novo Testamento* contém numerosas cópias, incluindo uma lista de 5735 manuscritos, sendo divididos em 116 Papiros, 310 maiúsculos, 2877 minúsculos e 2432 lecionários (tais categorias serão explicadas mais adiante).

Corroborando com Metzger, Pickering¹⁶ menciona, na introdução de seu livro, que há mais de 5.000 manuscritos do *Novo Testamento* existentes, acrescentando ainda as informações de que tais textos perfazem um período de tempo que vai do século II d.C. até o século XVI e que variam muito de tamanho, havendo desde pequenos fragmentos com poucos versículos até versões completas do texto bíblico. Esses dados já advertem para o tamanho do problema imposto ao crítico textual, cujo objetivo é chegar, em sua investigação das fontes, ao estabelecimento de um texto que mais se aproxime dos inexistentes manuscritos autógrafos elaborados pelos primeiros cristãos.

Até que os escritos neotestamentários ulteriormente chegassem a um estágio de cópia impressa, com o surgimento da imprensa, foram tendo sua transmissão efetuada através de diversos manuscritos, em cópias primeiramente artesanais, e, por isso, variantes surgiram entre eles, desde o início do processo de cópias. Os erros mais comuns decorriam da troca de algumas letras por parte de copistas (nem sempre os copistas eram fluentes em grego), ou de equívocos decorrentes de um ditado (audição), em que não se entendia perfeitamente o que era transmitido, ou ainda letras que eram duplicadas e palavras que ficavam confusas devido ao fato de não ter separação entre os vocábulos, o que gerava um mau entendimento. Enfim, algumas destas situações, que determinam nos estudos teológicos as chamadas variantes textuais, ocorrem similarmente em versões antigas em todo texto que passou por cópias do tipo *manuais*.¹⁷

Como há um vasto espaço de tempo que engloba os textos supérstites, isso resulta no fato de os manuscritos se inserirem em três períodos importantes da história da humanidade: a Antiguidade, a Idade Média e o Renascimento. Esse problema cronológico, que se forma, sobretudo, diante das várias tendências de elaboração de manuscritos em vários momentos da história, se amplia diante do fato de o *Novo Testamento* ser uma obra composta por diversos livros (haverá diferenças quanto à paleografia, à ordenação dos livros, utilização das palavras nos textos etc.). Desse modo,

¹⁵ METZGER, Bruce e EHRMAN, Bart D. *The Text of New Testament*. New York: Oxford University Press, 2005, p.50.

¹⁶ PICKERING, Gilberto. *Qual o texto original do Novo Testamento?* Editado por Ricardo de Paula Meneghelli e disponível em <https://documentos.tips/document/qual-o-texto-original-do-novo-testamento-gilberto-pickering.html>. Série Alimento Sólido do site oDiscipulo.com, 2001, p. 11.

¹⁷ EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento – Introdução aos métodos linguísticos e históricos-críticos*. São Paulo: Edições Loyola, 2ª Edição 2005. p. 44-45.





um manuscrito importante pode ter um número determinado de livros, mas não outros, devendo o crítico textual completar a sua edição valendo-se de um difícil processo de comparação entre os vários textos disponíveis. Alguns dados sobre o estabelecimento desse cânon para a compleição final de todo o texto neotestamentário, no momento de seus primeiros textos autógrafos, formam um interessante ponto a ser discutido.

Pautando-se em Aland & Aland,¹⁸ sabe-se que cada um dos 27 livros contidos no *Novo Testamento* deve ser considerado como uma unidade completa em si mesmo, tendo-se em mente que cada um foi escrito individualmente. Contudo, existe uma interdependência entre alguns dos Evangelhos que se encontram nos primeiros lugares na ordem canônica (logo no início do *Novo Testamento*, na *Bíblia*), sendo importante frisar que essa ordem estabelecida não é a cronológica. O reconhecimento dos livros como autoridade para fazer parte do cânon e se constituir a Escritura Sagrada, como já se tinha, por exemplo, com relação ao *Antigo Testamento*, que era já considerado Escritura Sagrada, não se deu imediatamente, no seu momento de confecção, pelos seus autores, mas seguiu-se posteriormente. O apóstolo Pedro, por exemplo, cita os escritos paulinos como autoridade, mas não se tinha ainda, na época, um cânon pronto, porém os escritos neotestamentários eram já conhecidos desde que foram então produzidos no século I d.C.

Tomando como exemplo o *corpus Paulinum*, pode-se ter uma ideia da complexidade de fatores que entram em cena para se tentar entender a construção do texto. Kümmel, dissertando a respeito desse *corpus*, afirma que suas coleções já estavam prontas, presumivelmente no final do século I d. C.¹⁹ Encontra-se no ano de 95 d.C., na primeira Carta de Clemente²⁰ enviada à igreja de Corinto, uma menção à carta de Paulo aos Romanos e também da primeira aos Coríntios. Faz-se menção ainda às missivas Gálatas, Filipenses e Efésios, em outros lugares deste escrito. Demonstra-se com isso que, tanto em Roma quanto em Corinto, já eram conhecidas, e ainda citadas, as missivas paulinas no século I.²¹ Aland & Aland,²² por seu turno, registram que estas cartas foram os primeiros textos a serem então colecionadas do futuro cânon neotestamentário. Supõe-se que, ao receber esses escritos, as igrejas nascentes as liam em culto público e ainda

¹⁸ ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. **O texto do Novo Testamento – Introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego bem como teoria e prática da moderna crítica textual**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.p.53.

¹⁹ KÜMMEL, G. Werner. **Síntese Teológica do Novo Testamento**. São Paulo: Editora teológica, 2003. p.179.

²⁰ Esta carta é considerada o escrito cristão mais antigo a não fazer parte do cânon do *Novo Testamento*.

²¹ ALAND, Kurt & ALAND, Barbara. **O Texto do Novo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.p.53,54. Ver também METZGER, Bruce, *The Canon of The New Testament*. New York: Clarendon Press Oxford, 1987. p. 42.

²² *Ibid.* p.53.





remetiam para as outras comunidades de fé, que as copiavam, sendo assim preservadas. O próprio autor diz em uma das epístolas: “E, uma vez lida esta epístola perante vós, providenciai por que seja também lida na igreja dos laodicenses; e a dos de Laodiceia lede-a igualmente perante vós” (Colossenses 4,16). Esta prática parecia ser comungada por todas as igrejas fundadas por Paulo, ou ainda, pelos seus discípulos diretos, o que confirma que as cópias e a preservação destes textos entre os cristãos estavam surgindo e se multiplicando em diversos locais geográficos neste período.

Cada texto do *Novo Testamento* possui, obviamente, a sua história particular de formação, que vai desde os primeiros manuscritos autógrafos até as cópias manuscritas perdidas e as primeiras existentes, mas entende-se que o exemplo apresentado a respeito do *corpus Paulinum*, pautando-se apenas no momento de suas primeiras redações, pode, de uma maneira genérica, dar cabo de uma característica universal que é comum a todo texto da Antiguidade que, por seu valor literário e histórico, sobrevive ao tempo: a complexidade do trajeto de sua recepção. O *Novo Testamento*, assim, possui devido ao seu conjunto de livros uma multiplicidade de histórias complexas para a formação do produto final e do livro conhecido por todos, que é unificado pelo idioma presente em todo o seu conteúdo.

A língua em que foi redigido todo o texto do *Novo Testamento* é a grega *koiné*, em sua modalidade popular, ou seja, no registro pelo qual era falada e escrita na época pelas pessoas, dialeto esse que começara no período helenístico, perdurando depois pelo mundo romano. Pode-se dizer, portanto, que esse grego perfazia uma língua universal e acessível a todos, o que seria bem condizente com a própria proposta religiosa contida nos textos em apresentar preceitos voltados para todos os homens. Existem comprovadamente, nos 27 livros que compõe o *Novo Testamento*, diferenças de estilo e qualidade literária, porém, não há dúvida que todos foram redigidos em grego desde à manufatura dos primeiros autógrafos. A qualidade literária se dá por conta da diversidade de autores e amanuenses²³ que colaboraram na redação do texto, muitas vezes ditado pelos seus autores. Até mesmo as citações do *Antigo Testamento* são apresentadas fazendo-se uso da obra conhecida como *Septuaginta*, a mais antiga tradução do hebraico para o grego do Antigo Testamento.²⁴

A respeito da divulgação e circulação dos textos neotestamentários, principalmente, das cartas do *Novo Testamento*, é certeza que, em sua maioria, eram destinadas às igrejas implantadas à sua época. Ainda baseando-se em Aland & Aland, é

²³ Termo que designa o escrevente ou copista.

²⁴ *Ibid.* p. 57-8.





possível aventar a hipótese de que estas comunidades de fé as liam em voz alta, em um culto aos frequentadores dessa reunião, e a seguir eram feitas cópias desses textos, que eram, então, distribuídas em outras igrejas.²⁵ Esta é a explicação mais plausível de como teria acontecido a manutenção do texto neotestamentário, culminando com as coleções e, conseqüentemente, com a sua sobrevivência ao tempo, teoria essa que explicaria, então, a multiplicação, preservação e conservação dos textos do *Novo Testamento* até hodiernamente.²⁶ As cópias dos textos eram feitas de maneira artesanal, pois não havia à disposição um recurso mais “profissional”, mas, a partir do ano 200, como dito, começam a surgir os *scriptoria*, que eram uns centros de cópia de cunho mais profissional. Até este fato, as cópias eram formadas em pequenas famílias de textos.²⁷

Os manuscritos do *Novo Testamento* foram confeccionados em papiro e pergaminho. Papiros eram feitos de uma planta da família das ciperáceas, que eram cortadas em talas finas e colocadas em camadas cruzadas, sendo, em seguida, fixadas umas após as outras, e, então envolvidas em torno de uma vara, formando o rolo. Já o pergaminho era confeccionado de peles de ovelha, cabra, ou bezerro, tratadas e raspadas, que, após serem secadas ao sol, eram cortadas em forma de folhetos, que, por sua vez, eram, finalmente, sobrepostos uns aos outros.²⁸ O pergaminho era um produto de valor mais elevado em relação ao papiro, e, por isso, quando uma obra não tinha mais tanto interesse, o pergaminho era raspado até desaparecer o texto que havia sido grafado para servir para a reescritura de um novo texto, o que é denominado de palimpsesto. Hoje existe uma técnica com raios ultravioleta em que é possível ler o texto anteriormente raspado.²⁹ Os manuscritos mais antigos se encontram grafados em letras unciais (maiúsculas), enquanto os mais recentes estão em minúsculas.

Todos os manuscritos apresentam dificuldades para se ler e traduzir, pois, geralmente se encontram sem acentos, vírgulas, parágrafos, divisões estas que sempre facilitam uma leitura fluente. Apesar das dificuldades, o trabalho do crítico textual consegue estabelecer textos cujas edições dão margem a diversas traduções.

Algumas traduções do passado também são utilizadas, na crítica textual, com a finalidade de aperfeiçoar as reconstruções dos achados, e, também para garantir hoje uma

²⁵ Esse famoso termo será usado, posteriormente, para caracterizar a reunião de cristãos principalmente para fins de culto. Então, nesse momento possui mais o sentido de reunião de indivíduos do que propriamente o espaço concreto onde tais pessoas se reúnem.

²⁶ *Ibid.* p. 60-1.

²⁷ *Ibid.* p. 61.

²⁸ CULLMANN, Oscar. **A formação do Novo Testamento**. 13 ed.rev.. São Leopoldo: Sinodal, 2015. p.8.

²⁹ PAROSCHI, Wilson. **Crítica Textual do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1993.p. 29.





boa tradução/interpretação dos textos considerados sagrados.³⁰ As traduções antigas são as seguintes: a *Septuaginta* (LXX), que é a tradução do *Antigo Testamento* para a língua grega, que se deu no Egito, na cidade de Alexandria, por volta do século III a.C.; a *Vulgata*, que é a tradução da Bíblia para o latim pelo monge Jerônimo (340- 420 d. C.); a *Vetus Itala*, que é uma tradução para o latim anterior a *Vulgata*;³¹ as traduções em siríaco, uma língua próxima ao aramaico palestinese, sendo que a tradução mais conhecida é a *Peschitta*, a que se somam outras duas, a saber a *Syra sinaítica* e a *Syra Cureton*;³² e, por fim, as traduções em copta, língua cristã do Egito.³³

A forma de apresentação inicial dos pergaminhos era em rolos, sendo que posteriormente utilizou-se a maneira de pregar por uma das bordas. O conteúdo já escrito ficava com aparência de um caderno como hoje é conhecido, e, quando havia volumes maiores, as folhas eram então dobradas, formando-se os códices, termo advindo da palavra latina *codex*, sendo essa a apresentação visual mais usual no meio cristão. Com o passar dos tempos, os códices foram se aperfeiçoando até que tomaram a forma parecida com os livros modernos atuais.³⁴

Na sequência, serão comentados cada um dos textos mais importantes da tradição manuscrita do *Novo Testamento*, entre papiros, manuscritos em caracteres maiúsculos e manuscritos em letras minúsculas. Em primeiro lugar, serão mencionados os papiros, que, por serem os textos mais antigos, se inserem, em sua grande maioria, no período ainda da Antiguidade. Para fins de organização cronológica será focada a data tradicionalmente aceita para marcar o fim da Antiguidade, a saber, 476 d.C., que corresponde o ano em que Rômulo Augústulo, o último imperador do Império Romano do Ocidente, perdeu o seu trono para o rei Germânico Odroaco, no auge das invasões germânicas em território romano, mas é importante salientar que há a possibilidade da proposta de outra data muito posterior para o fim da Antiguidade, que seria no período das conquistas árabes, também conhecida como expansão muçulmana do século VIII.³⁵ Da mesma maneira, para falar a respeito dos manuscritos em maiúsculas e minúsculas serão também utilizados os

³⁰ BRAKEMEIER, Gottfried. **A autoridade da bíblia- controvérsia – significados -fundamento**. 2. Ed. São Leopoldo-RS: Sinodal. 2003.

³¹ CULLMANN, Oscar. **A formação do Novo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 2015. p. 9

³² *Ibid.*

³³ *Ibid.*

³⁴ PAROSCHI, Wilson. **Crítica Textual do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1993. p.31

³⁵ É muito problemático marcar o fim da Antiguidade com uma data específica. Para uma discussão aprofundada sobre o assunto ver TREVOR-ROPER, Hugh. **A formação da Europa cristã**. Lisboa: Editorial Verbo, 1966. P. 75 e seguintes. Trevor-roper traz para o âmbito da discussão a tese do célebre historiador francês Henri Pirenne, que via o fim da Antiguidade em período muito posterior à tradicional data de 476 a.C., no referido período das conquistas árabes.





períodos denominados Idade Média propriamente dita, que se estenderia até o século XI, Renascimento Medieval, que tem início no século XII, e o Renascimento comumente aceito, que começa no século XV.

Os papiros, então, foram os primeiros textos a serem confeccionados. Eles apresentam-se em letras unciais, grafia predominante até o século IV, sendo os mais importantes para o estudo do *Novo Testamento* os que serão comentados a seguir com base em informações extraídas, sobretudo, de Paroschi,³⁶ grande autoridade nacional no tema. O estudioso Benício efetua também um interessante e sucinto levantamento dos manuscritos, com comentários, e merece ser citado por isso.³⁷ Resta ainda informar que a classificação segue o sistema de símbolos determinado por Caspar René Gregory, no final do século XIX. Nesse sistema, os papiros são designados por um P maiúsculo seguido de um algarismo arábico exponencial.³⁸

O empresário inglês Sir Arthur Chester Beatty comprou, por volta de 1930, alguns fragmentos de manuscritos. Entre eles, sete eram relacionados ao *Novo Testamento*. Nesse conjunto, os mais importantes são os manuscritos P⁴⁵, P⁴⁶ e P⁴⁷, que se encontram, em sua maior parte, no Museu Beatty, em Dublin.³⁹ O ms. P⁴⁵ (Papiro Chester Beatty I) contém 30 folhas preservadas (originalmente, possuía cerca de 220 fólios) de um códice com fragmentos dos Quatro Evangelhos (duas folhas de Mateus, seis de Marcos, sete de Lucas e duas de João) e de Atos dos Apóstolos (13 folhas). Quanto à construção, a escrita se desenvolve em uma só coluna. Esse papiro é datado do início do século III. Já o ms. P⁴⁶ (Papiro Chester Beatty II) tem 86 folhas e, como originalmente possuía 104 fólios, sendo que provavelmente as cinco últimas eram em branco, trata-se de um documento inestimável por estar quase completo e em excelente estado de conservação. Trata-se de um importante códice das Epístolas Paulinas, contendo ainda Hebreus, que não pertence a Paulo, apesar de antigamente essa carta também ser atribuída a ele, com o título de Carta de Paulo aos Hebreus. Essas epístolas se apresentam na ordem Romanos, Hebreus, 1 e 2 Coríntios, Efésios, Gálatas, Filipenses, Colossenses e 1 e 2 Tessalonicenses. A data provável do papiro se enquadraria no final do século II e início do século III. O último do conjunto a ser comentado é o ms. P⁴⁷ (Papiro Chester Beatty III), que pertence ao último terço do século III. Desse códice subsistem dez folhas (originalmente deveria possuir 32),

³⁶ PAROSCHI, Wilson. *Crítica Textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1993. p. 45-7.

³⁷ BENÍCIO, Paulo José. *Manuscritos gregos na tradição textual do Novo Testamento*. In: Revista Philologus, v. 46, p. 55-64, 2010.

³⁸ ALAND, Kurt & ALAND, Barbara. *O Texto do Novo Testamento*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 78-80.

³⁹ Em nota, Paroschi (p. 45) informa que uma folha do P⁴⁵ está na Biblioteca Nacional de Viena e que 30 folhas do P⁴⁶ estão na Universidade de Michigan.





com uma parte de Apocalipse (9.10 – 17.2). É o mais antigo manuscrito contendo um trecho de Apocalipse, mas não o melhor, já que a escrita desse manuscrito, em especial, não é de boa qualidade.

Um documento individual importantíssimo é o ms. P⁵² (Papiro Rylands 457). Este manuscrito foi adquirido no Egito pelo cientista e egiptólogo inglês Bernard Pyne Grenfell em 1920 para a biblioteca John Rylands, em Manchester, e daí o nome do papiro, Rylands. Ele data do início do século II (provavelmente de 125 d.C.). O ms. P⁵² é o mais antigo testemunho do *Novo Testamento* conhecido, e, sendo o mais antigo fragmento existente de João, traz trechos do livro 18 (versículos 31 a 33 de um lado e versículo 37 e 38 de outro). A importância da descoberta desse papiro reside no fato de comprovar que o Evangelho de João já havia sido escrito antes do século II, diferentemente do que se pensava no decorrer do século XIX.

Uma coleção importante de papiros é aquela adquirida pelo Dr. M. Martin Bodmer nos anos 50 do século XX, que possuem melhor preservação e mais textos do que os papiros de Beatty. O ms. P⁶⁶ (Papiro Bodmer II) foi adquirido em 1955, no Egito. Contém o Evangelho de João, sendo que dos capítulos 15 a 21 restam apenas fragmentos. A data provável de sua escritura se insere no final do século II ou início do século III. Encontra-se em Coligny, Genebra, como todos os papiros Bodmer a serem citados aqui. O ms. P⁷² (Papiro Bodmer VII e VIII) é um manuscrito que possui uma série de documentos. Além de conter o texto mais antigo preservado de I e II Pedro e de Judas, possui a natividade de Maria, a correspondência apócrifa de Paulo aos Coríntios, a 11^a Ode a Salomão, a homilia de Melito sobre a Páscoa, o fragmento de um hino, a apologia de Fíleas e os salmos 33 e 34. A data aproximada de sua escritura situa-se entre os séculos III e IV, tendo sido feito por um escriba de fala Copta. Já o ms. P⁷⁵ (Papiro Bodmer XIV e XV), por ter 102 folhas (de um original que teria 144), afigura-se como um dos mais importantes manuscritos da coleção Bodmer. Há, sobretudo, uma grande parte do Evangelho de Lucas (3-18 e 22-24), em sua cópia mais antiga, e uma parte substancial do Evangelho de João (1-15). Como salienta Paroschi, o fato de João começar na mesma página que Lucas dá margem a se pensar no cânon dos quatro evangelhos.⁴⁰ Esse manuscrito pertence ao século III.

Já no início do século IV, os papiros caíram em desuso, dando então espaço aos pergaminhos, que eram inicialmente em unciais que perduraram até por volta do século VI, ou seja, a escrita era a mesma que era utilizada nos papiros, embora nos pergaminhos

⁴⁰ PAROSCHI, Wilson. *Crítica Textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1993. p. 46-7





as letras fossem um pouco maiores e mais regulares.⁴¹ Seguindo o mesmo procedimento adotado para a relação dos papiros, passa-se a citar os pergaminhos em unciais mais importantes para a crítica textual do *Novo Testamento*, segundo Paroschi.⁴² Na designação de manuscritos em pergaminhos escritos em uncial, de acordo com a proposta de Caspar René Gregory, utilizam-se números arábicos antecidos por um 0, mas usa-se também letras maiúsculas latinas, gregas ou hebraicas, seguindo uma classificação mais antiga.⁴³

O ms. \aleph (*Álefe*) ou 01 (Códice Sinaítico) foi descoberto, na metade do século XIX pelo filólogo e professor de Leipzig Constantin von Tischendorf. O manuscrito, com 347 folhas dispostas em cadernos (cada caderno possui oito folhas), contém todo *Novo Testamento* e uma boa parte do *Antigo Testamento*, além de outros escritos. O manuscrito é, em sua origem, ainda da Antiguidade, provavelmente da primeira metade do século IV. Contudo, observa-se pelo texto a presença de três escribas diferentes, em correções e modificações que se estendem até o século XII, momento do Renascimento Medieval. Trata-se de um manuscrito muito importante, sendo o mais antigo completo existente. Eis a ordem dos escritos neotestamentários nele: evangelhos, epístolas paulinas, Atos, epístolas católicas e Apocalipse. São omitidos a doxologia da Oração ao Senhor (Mateus 6.13), os versículos finais do evangelho de Marcos (16: 9-20) e o episódio da mulher adúltera (João 7.53-8.11).

O ms. A ou 02 (Códice Alexandrino), que possui 773 folhas escritas em duas colunas, contém quase todo *Novo Testamento*, faltando apenas poucas passagens de Mateus, João e I Coríntios, e praticamente todo *Antigo Testamento*, ou melhor, a *Septuaginta*, a versão grega do *Antigo Testamento*, feita no Egito por judeus helenizados durante os séculos III e II a.C. Há ainda outros escritos (a Primeira e Segunda Carta de Clemente de Roma e os Salmos de Salomão). A data provável se situa no início do século V, ou seja, no momento em que o Império Romano já sofria com as invasões de bárbaros germânicos que ocasionariam o término da Antiguidade. Por conter algumas formas de escrita em Copta supõe-se que esse manuscrito tenha vindo do Egito. Cerca de cinco escribas são perceptíveis através do tempo. É o melhor manuscrito em relação ao texto do Apocalipse.⁴⁴

⁴¹ *Ibid.* p. 47.

⁴² *Ibid.* p. 47-52.

⁴³ ALAND, Kurt & ALAND, Barbara. **O Texto do Novo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 78-80. Entre os estudiosos anteriores a Gregory, deve-se citar, especialmente, Johann Jakob Wettstein.

⁴⁴ PAROSCHI, Wilson. **Crítica Textual do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1993. p. 48-9.





O ms. *B* ou *03* (Códice Vaticano) contém 759 folhas escritas em excelentes pergaminhos. Contém quase toda a *Septuaginta*, faltando apenas a Oração de Manassés, e grande parte do *Novo Testamento*, sendo que passagens de Gênesis, de II Samuel, de Hebreus, das Cartas Pastorais (I e II Timóteo e Tito) e do Apocalipse perderam-se. O manuscrito, redigido em três colunas por página, provavelmente data do início do século IV. Faz parte da biblioteca do Vaticano, sendo originário provavelmente do Egito. É um dos menos retocados e corrigidos, com menor número de erros. Ao que parece, pertence ao mesmo tronco que dera origem também ao Códice Sinaítico, sendo que se calcula que este texto perdido, que originara ambos os manuscritos, circulava no Egito antes do ano 200.⁴⁵

O ms. *C* ou *04* (Códice Efraimita) é o mais importante dos palimpsestos do *Novo Testamento*, com data do século V, sendo originário provavelmente do Egito. No século XII, o texto original foi raspado para que se pudesse utilizar o material para fazer uma tradução grega dos tratados de Efraim, um teólogo da igreja síria. Hoje, se acham conservados somente 64 folhas do *Antigo Testamento* e 145 do *Novo Testamento*, que apresenta passagens completas de quase todos os livros, com exceção de II Tessalonicenses e II João. Foram conservados de modo imperfeito por se tratar de um palimpsesto, porém anteriormente continha toda a Bíblia. Essa escrita original do século V fora decifrada, primeiramente, por Constantin von Tischendorf, que se debruçou sobre o estudo desse manuscrito. Há uma coluna de texto por página.

Há alguns manuscritos bilíngues. O ms. *D* ou *05* (Códice Beza) possui 406 folhas (originalmente possuía 510 ou até mais), em duas línguas grego e latim, dispostas em páginas paralelas de uma coluna cada, é o mais antigo texto bilíngue do *Novo Testamento* conservado. O manuscrito data do final do século V ou início do VI. Paroschi salienta que a importância desse manuscrito está nas muitas variantes que apresenta em relação a outros manuscritos em unciais, especialmente em Atos.⁴⁶ Outro documento bilíngue grego e latim é o ms. *D*₂ ou *06* (Códice Claromontano), que possui páginas paralelas de uma coluna cada. Contém 533 folhas, sendo que os fólhos 162 e 163 são palimpsestos. A data provável se situa no século VI. Há no manuscrito todas as epístolas paulinas. Por fim, o ms. *E*₂ ou *08* (Códice Laudiano) é mais um manuscrito bilíngue, em colunas paralelas, com o grego à direita e o latim à esquerda. Essa fonte contém 227 folhas com o livro de Atos em língua grega e latina. A sua data provável é o século VI. Como se pode

⁴⁵ *Ibid.* p. 49-50.

⁴⁶ *Ibid.* p. 51.





observar os manuscritos bilíngues citados aqui pertencem ao início da Idade Média, o que evidencia cada vez mais a valorização da língua latina neste período.

Por fim, no tocante aos pergaminhos em letras maiúsculas, há ainda o importante ms. *W* ou *032* (Códice Washingtoniano), que contém 187 folhas dos quatro Evangelhos, na ordem ocidental (Mateus, João, Lucas e Marcos), com data provável situada no século V, e o ms. θ ou *038* (Códice Korideto), que contém 249 folhas dos Evangelhos, com data provável de século IX. Seu principal interesse reside no texto de Marcos, por ser baseado em um texto muito antigo dos séculos III e IV e que foi utilizado por Orígenes e Eusébio. Sobre o ms. *W* ou *032*, Paroschi⁴⁷ enfatiza que uma de suas características mais notáveis é a presença de uma passagem que traz um diálogo entre Jesus e seus discípulos, após Marcos 16.14.

Os manuscritos de escrita em letras minúsculas constituem a maior parte dos textos do *Novo Testamento*, mas, por serem mais recentes que os manuscritos em unciais (e mais distantes dos autógrafos) e mesmo pelo elevado número, a crítica textual ainda não lançou sobre eles a devida atenção. Esses manuscritos vão do século IX ao XVI, inerindo-se, portanto, no período final da Idade Média, no Renascimento Medieval e no Renascimento propriamente dito. A maioria encontra-se em material de pergaminho. Os considerados mais importantes, como menciona Paroschi,⁴⁸ se afiguram como aqueles que são cópias em minúscula de unciais que não sobreviveram ao tempo. Nesse sentido, entre os mais dignos de nota estariam os constantes em duas famílias de manuscritos. Em primeiro lugar, cita-se *f*¹ (Família 1 ou Lake), em que se inserem os manuscritos 1, 118, 131 e 209, cuja familiaridade entre eles foi percebida por Kirsopp Lake, em 1902. Todos foram copiados nos séculos XII e XIV, sendo que Paroschi elucida que, por meio de uma análise do Evangelho de Marcos, pode-se constatar que os manuscritos supérstites possuem estreita relação com o Códice Korideto, sendo, então, os manuscritos provavelmente cópias que remontam um texto de Cesareia dos séculos III e IV.⁴⁹ Outra família de manuscritos importantes é *f*¹³ (Família 13 ou Ferrar), que foi identificada antes da família precedente, em 1868. Nela, inserem-se os minúsculos 13, 69, 124 e 346, sendo que, posteriormente, foram acrescentados os manuscritos 174, 230, 543, 788, 826, 828, 983, 1689 e 1709. Copiados entre os séculos XI e XIII, tais manuscritos foram agrupados por pertencerem a um arquétipo em comum, que teria procedência, conforme informa Paroschi, da Calábria, no sul da Itália, ou da Sicília. Paroschi ainda enfatiza que um fato

⁴⁷ *Ibid.* p. 52.

⁴⁸ *Ibid.* p. 53-5.

⁴⁹ *Ibid.* p. 54





curioso que diz respeito aos manuscritos, que é a colocação do episódio da mulher adúltera depois de Lucas 21.38 e não em João, como de regra.⁵⁰ Como último dado, deve-se dizer que *f*¹³ possui característica do texto de Cesareia nos tempos de Eusébio e Orígenes, como se percebe também em *f*¹. Aliás, um acréscimo curioso de Paroschi é a menção de que os manuscritos 22, 28, 565 e 700 têm parentescos com as duas famílias, o que permite antever um cruzamento de informações entre elas em algum momento do processo de elaboração desses manuscritos.⁵¹

Há outros manuscritos em minúsculas que são considerados importantes. O ms. 33 é um deles. É conhecido desde o século XIX, e foi escrito ainda no século IX, e, tendo excelente texto, possui semelhanças com o Códice Vaticano. Deve-se citar também o ms. 565, que também foi elaborado no século IX. Trata-se de uma cópia produzida com esmero e luxo, contendo letra em ouro e pergaminho purpúreo. Já o ms. 1739 foi escrito no século X, apresentando notas de Irineu, Clemente, Orígenes e Basílio, ou seja, eruditos muito anteriores à feitura desse manuscrito. Paroschi⁵² traz a informação de que Basílio, que viveu entre 329 e 379, é o mais recente dos três, o que evidencia o valor das notas contidas no manuscrito, informações do tempo dos textos em unciais. Desse modo, concluiu-se que a fonte que lhe deu origem remonta ao final do século IV. Paroschi⁵³ ainda menciona que, no colofão do manuscrito, há a informação de que, no tocante às epístolas paulinas, o escriba se deteve no texto utilizado por Orígenes, mas isso se deu para Romanos, pois, ao que parece, o texto das outras epístolas lança luz a um manuscrito que existiu em Alexandria, no final do século II. Portanto, o ms. 1739, apesar de não tão antigo quanto aos anteriormente mencionados, é de grande interesse pelo diálogo que firma sobre a elaboração do *Novo Testamento* em séculos pouco posteriores ao desenvolvimento de seu texto. Especialmente nesse caso, observa-se um diálogo entre a Idade Média e a Antiguidade, pois, em meio ao material medieval que forma o manuscrito, há informações sobre ações empreendidas no Período Romano. Por fim, é importante citar o ms. 2053, que foi escrito no século XIII, mas que se afigura como uma das fontes mais confiáveis para o texto do Apocalipse, uma vez que o mesmo possui comentário de Ecumênio, estudioso do passado que foi autor de vários comentários sobre o *Novo Testamento*.

⁵⁰ *Ibid.*

⁵¹ *Ibid.*

⁵² *Ibid.* p. 55.

⁵³ *Ibid.*





Há ainda outras fontes para o estudo do *Novo Testamento*. Tais conteúdos não se inseriam no objetivo de construir as formas do texto bíblico do livro *Novo Testamento*, mas sim no objetivo de citar passagens para fins específicos. Fala-se aqui, mais precisamente, dos lecionários, dos óstracos e dos talismãs.

Os lecionários se inserem entre os manuscritos, pois são aqueles textos que eram utilizados em cultos para leitura e reflexão, com conteúdos de trechos do *Novo Testamento*. Tais materiais foram confeccionados em pergaminho, sendo que começaram a surgir, provavelmente, no século III, ou, início do século IV.⁵⁴ Exatamente porque reproduzem pequenas passagens do texto do *Novo Testamento*, e por serem muito antigos, são importantes para o crítico textual, na medida em que permitem a conferência do texto bíblico nas partes citadas.

Quanto aos óstracos, palavra que vem do grego *óstrakon*, que, entre seus vários significados, tem o sentido de *concha, casca de ovo e caco de terracota semelhante a uma concha na qual se escreve o nome de uma pessoa a ser banida*,⁵⁵ ou seja, diz respeito a um material um tanto informe e perecível que pode servir para a escritura de algo. No contexto arqueológico que interessa a teólogos e críticos textuais da bíblia, os óstracos são fragmentos de jarros quebrados, ou também de louça que apresentam pequenas frases escritas. Muitos foram encontrados no Egito e Palestina. Tinham diversos usos, por serem constituídos de um material barato apropriado para as classes consideradas de estrato inferior. Continham recibos, memorandos e também passagens do *Novo Testamento*.⁵⁶

Deve-se mencionar ainda os talismãs. Eram feitos em madeira, cerâmica, papiro ou pergaminho. Contém pequenas porções das Escrituras. Faziam parte dos amuletos para evitar o mal. As fontes existentes vão do século IV até século XIII, abarcando a parte final da Antiguidade e praticamente toda a Idade Média até o denominado Renascimento Medieval.

Para pensar o texto do *Novo Testamento* em sua forma original, ainda há o recurso de consultar as antigas versões do texto grego para outras línguas. Tal procedimento permite, em alguns casos, mesmo diante das diferenças de sistemas entre as línguas, reconstruir, na medida do possível, como seria o texto do manuscrito grego inexistente que deu origem à tradução, seja de maneira direta ou indireta, no caso de se ter uma tradução de outra tradução. Tais versões, então, são consideradas testemunhos do texto

⁵⁴ *Ibid.* p. 57.

⁵⁵ Os significados apresentados foram extraídos do **Dicionário Grego-Português** organizado por Malhadas, Dezotti e Neves.

⁵⁶ PAROSCHI, Wilson. **Crítica Textual do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1993. p. 57.





em grego. Elas surgem em lugares nos quais a língua principal não era a grega, por conta da expansão do cristianismo a partir do século II. As versões existentes mais importantes se encontram em três línguas: siríaco, latim e copta.⁵⁷

O siríaco era a língua falada na Mesopotâmia, Síria e também partes da Palestina. Por volta de 150 d.C., com a expansão missionária da igreja cristã, cogita-se que as primeiras traduções do grego para uma outra língua se deram por meio do siríaco. As cinco mais importantes versões são Antiga Siríaca (Sinaítica e Curetoniana), Peshita, Palestinense, Filoxeniana, Heracleana. Totalizam cerca de 400 manuscritos em siríaco.⁵⁸

O latim é uma língua essencial para a própria história da cultura romana, em que se insere o *Novo Testamento*, mesmo que a grande parte dos manuscritos seja em grego. Nas modalidades da língua latina na Antiguidade, têm-se a Antiga Latina até o século IV, e a Vulgata Latina de Jerônimo nos anos que compreende 383 e 405. São cerca de 70 manuscritos.⁵⁹ A Vulgata Latina ficou como a versão oficial da igreja católica em 1546, no Concílio de Trento. O nome Vulgata significa *comum*, ou de *uso público*.⁶⁰

Há também os manuscritos em língua copta (língua egípcia), que surgiram no início do século III. Os 4 principais manuscritos foram escritos em língua Copta Saídica, Copta Boaírica, Copta Faiúmica, Copta Acmímica. Existem outras versões, mas, por não serem traduções diretas do texto grego, não são consideradas de muita importância para a Crítica Textual, como a Gótica, Armênia, Etíope entre outras.⁶¹

Finalmente, as citações Patrísticas foram importantes pela quantidade e variedade de Pais da igreja que deixaram em seus textos, sermões, comentários, cartas. Alguns destes denominados Pais da igreja, que se pode citar neste trabalho, foram: Justino Mártir (387 citações do *Novo Testamento*), Irineu (1819 citações do *Novo Testamento*), Clemente de Alexandria (2406 citações do *Novo Testamento*), Orígenes (17922 citações do *Novo Testamento*). Ainda pode-se citar Agostinho de Hipona, Ambrósio, Atanásio, Basílio, Cipriano, Cirilo, Eusébio de Cesareia.⁶²

Sobre a construção do cânon estabelecido, a primeira tentativa de uma formação deu-se com Marcião, no século II. Marcião (85 a 160 d. C.), considerado um herege pela igreja, é quem compilou a primeira coleção, na tentativa de formar um cânon. Ele rejeita todo o *Antigo Testamento*, aceita somente o Evangelho de Lucas e dez cartas paulinas. A

⁵⁷ *Ibid.* p. 58-9

⁵⁸ *Ibid.* p.60

⁵⁹ *Ibid.* p.62

⁶⁰ *Ibid.* p.64

⁶¹ *Ibid.* p.66-7

⁶² *Ibid.* p.68-70.





partir deste evento, as igrejas passaram a preocupar-se com os livros realmente autorizados e rejeitar os espúrios. No final do segundo século, os livros do *Novo Testamento* já eram todos conhecidos, e, sendo então utilizados com autoridade de Escritura Sagrada, cresce a necessidade de formar-se um cânon oficial.⁶³

Escritores cristãos de relevância em sua época escreveram e mencionaram escritos Neotestamentários. Clemente de Roma, que escreve à igreja de Corinto em torno de 95 d.C., menciona Paulo, em sua carta aos Coríntios, e demonstra conhecimento de ensinos de Cristo. Inácio de Antioquia também escreveu várias cartas, demonstrando que estava familiarizado com escritos paulinos e ensinos de Cristo. Policarpo em 115 d.C. utiliza, em meio a textos de sua autoria, vários pensamentos do *Novo Testamento*.⁶⁴ Vê-se, no segundo século, alguns personagens importantes escreverem também sobre algum conteúdo do *Novo Testamento*, trazendo uma ideia de autoridade sobre estes escritos: Irineu, da Ásia Menor, discípulo de Policarpo; Clemente de Alexandria; Tertuliano de Cartago, África.⁶⁵ Já, em 180 d.C., a Igreja de Roma compilou uma série de livros que ficou conhecido por Cânon Muratoriano (nome advindo de um bibliotecário chamado Muratori). Tal cânon continha os quatro Evangelhos, treze cartas de Paulo, três cartas de João, Judas e Apocalipse, notando-se a ausência de Hebreus e Tiago.⁶⁶ Orígenes de Alexandria, já no terceiro século, sucessor de Clemente na direção da Biblioteca de Alexandria, demonstra um conhecimento de todo os 27 livros neotestamentários. Outro que segue Orígenes na avaliação dos escritos cristãos é Dionísio de Alexandria. Aliado a estes, Eusébio de Cesareia, um grande historiador eclesiástico dos primeiros séculos, seguindo a linha deixada por Orígenes, escreveu e listou os livros universalmente aceitos. Em 367, Atanásio, bispo de Alexandria, publica uma Carta de Páscoa endereçada às igrejas que continha uma lista dos 27 livros do *Novo Testamento*. Os concílios que seguiram após estas listas parecem ter reconhecido o cânon.⁶⁷ Finalmente, em 367 d. C., o bispo Atanásio de Alexandria enumera os 27 escritos do *Novo Testamento*, e tem-se oficialmente o cânon.⁶⁸

Estabelecido o cânon do *Novo Testamento* e somando-se tal conteúdo ao *Antigo Testamento*, tem-se, então, a estrutura geral da Bíblia, que consta em sua composição de um total de 66 livros, nos seus dois segmentos. O *Antigo Testamento* é composto por 39

⁶³ HALE, Broadus David. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2001. p.30-31

⁶⁴ *Ibid.* p. 31.

⁶⁵ *Ibid.* p. 32.

⁶⁶ *Ibid.* p.31.

⁶⁷ *Ibid.* p.33-34.

⁶⁸ *Ibid.* p. 22-27.





livros, e o *Novo Testamento* possui 27. O primeiro apresenta a *Torah* (Lei), que são os cinco primeiros livros da Bíblia, que também é conhecido como Pentateuco; os profetas – *Neviim*, que se dividem em anteriores (Josué, Juízes, Samuel e Reis) e posteriores (Isaías, Jeremias, Ezequiel, doze profetas menores); *Ketubim*, que são os *Escritos*, compostos de Salmos, Provérbios, Jó, Eclesiastes, e também Esdras e Neemias, Daniel, e os livros de Crônicas. O *Antigo Testamento*, então, se formou com 39 livros escritos originalmente em língua hebraica e alguns textos menores em aramaico. Há também palavras persas. O *Novo Testamento*, entre seus 27 livros, apresenta-se composto por diferentes gêneros literários: Evangelho, Histórico, Epístolas, apocalíptico. Mesmo dentro de um gênero encontram-se outros subgêneros, como por exemplo: hinos, parêneses. As cartas de Paulo, conforme citado anteriormente, já pela metade do primeiro século, foram os primeiros escritos a serem copiados e colecionados, também evidentemente foram os primeiros a serem compostos. Os Evangelhos e demais livros vieram posteriormente. Em II Pedro 3,15, há uma referência às cartas de Paulo.

Em toda a Bíblia nota-se diferenças entre os gêneros que foram escritos em cada livro, e até no interior de um mesmo livro pode haver um gênero que difere de outro. Marshall já declarava sobre o *Novo Testamento*: *os livros diferem uns dos outros em função de seu gênero literário, sendo que os gêneros específicos: evangelhos, epístolas e literatura apocalíptica, apresentam uma notória dificuldade de definição em relação as suas características.*⁶⁹ Sobre a presença de subgêneros no interior dos próprios gêneros, observa-se, por exemplo, que, nos Evangelhos, encontram-se parábolas, que é um gênero distinto. Em uma Epístola, também se pode verificar a existência de um hino, como em Filipenses 2: 6-11.

Além de se fazer o levantamento e deter-se em dados sobre os manuscritos que são considerados os mais importantes para o estabelecimento de uma edição do *Novo Testamento*, o presente trabalho também se lançou a informações gerais sobre essa obra, tão importante para a história da cultura ocidental. Dados sobre o tempo de sua composição, história e características encontraram seu espaço, no o estudo que foi empreendido. Considera-se que o objetivo proposto foi alcançado: proporcionar um apanhado de conteúdos que servissem para funcionar como base para uma investigação dos textos do *Novo Testamento* por meio da crítica textual. Intenta-se continuar esta pesquisa prosseguindo com um viés filológico, que servirá para se lançar a um estudo

⁶⁹ MARSHALL, Howard I. **Teologia do Novo Testamento: diversos testemunhos, um só testemunho.** São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 19.





mais aprofundado de paleografia e de problemas textuais propriamente ditos nas fontes existentes.

Referências

ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. **O texto do Novo Testamento – Introdução às edições científicas do *Novo Testamento Grego* bem como teoria e prática da moderna crítica textual.** Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013

ALTAMER, Berthold. **Patrologia.** Madrid: Espasa Calpe S.A, 1956.

Antigo Testamento Poliglota: hebraico, grego, português e inglês. São Paulo: Vida Nova: Sociedade Bíblica do Brasil, 2003.

BARBAGLIO, Giuseppe. **As Cartas de Paulo (II)**, São Paulo: Edições Loyola, 1991.

BENÍCIO, Paulo José. **Manuscritos gregos na tradição textual do *Novo Testamento*.** In: Revista Philologus, v. 46, p. 55-64, 2010. Disponível em <http://www.filologia.org.br/>

BERGER, Klaus. **As Formas Literárias do Novo Testamento.** São Paulo: Loyola, 1998.

BERKHOF, Louis. **Princípios de interpretação bíblica.** 2ª ed..Revisada. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento.** Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. Revista e Atualizada, 2ª Ed.. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BÍBLIA DE JERUSALÉM (Nova edição revista e ampliada). 8 impressão. São Paulo: Paulus, 2012.

BRAKEMEIER, Gottfried. **A autoridade da bíblia- controvérsia – significados - fundamento.**2. Ed. São Leopoldo-RS: Sinodal, 2003.

BROOKE, Christopher. **O Renascimento do século XII.** Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos.** Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus; São Paulo: Editora Academia Cristã, 2011.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CESAREIA, Eusebio de. **História Eclesiástica.** Tradução de Lucy Iamkami e Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

CARSON, D. A., MOO, Douglas J. & MORRIS, Leon. Traduzido do inglês por Márcio Loureiro Redondo. **Introdução ao Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1997.





CULLMANN, Oscar. **A Formação do Novo Testamento**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2001.

DICIONÁRIO BÍBLICO STRONG - Léxico hebraico, aramaico e grego de Strong. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

EGGER, Wilhelm. **Metodologia do Novo Testamento – Introdução aos métodos linguísticos e históricos-críticos**. São Paulo: Edições Loyola, 2ª Edição 2005.

FEE, Gordon D.; Stuart, Douglas. **La lectura eficaz de la biblia**. Miami, Florida: Editorial Vida, 1985.

FRIBERG, Barbara & FRIBERG, Timothy (editores). **O Novo Testamento Grego Analítico**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

GINGRICH, Wilbur F. **Léxico do novo testamento grego/português**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova. 1984.

GONZALES, Justo L. **Uma História do Pensamento Cristão – Do início até o Concílio de Calcedônia**. Volume 1. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

HALE, B. David., **Introdução ao Estudo do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos. 2001.

IRINEU, De Lyon. **Coleção patrística - demonstração da pregação apostólica**. São Paulo: Paulus, 2014.

KÜMMEL, G. Werner. **Síntese Teológica do Novo Testamento** 4 edição Revista e Atualizada. São Paulo: Editora teológica, 2003.

MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; NEVES, Maria Helena de Moura (coord.). **Dicionário grego-português**. São Paulo: Atelie Editorial, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010. 5 v.

MARGUERAT, Daniel (Ed.). **Introducción al nuevo testamento su historia, su escritura, su teologia**. Bilbao: Editoria Desclée De Brouwer, SA, 2008.

METZGER, Bruce e EHRMAN, Bart D. **The Text of New Testament**. New York: Oxford University Press, 2005.

NOGUEIRA, R.S. **Um olhar sobre o Grego da Septuaginta**. In Coletânea, v. 16, n.32,p 245-256, jul./dez. 2017. ISSN 1677-7883. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br.

NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR GREGO-PORTUGUÊS. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

PAROSCHI, Wilson. **Crítica Textual do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

PICKERING, Gilberto. **Qual o texto original do Novo Testamento?** Editado por Ricardo de Paula Meneghelli e disponível em <https://fdocumentos.tips/document/qual-o->





texto-original-do-novo-testamento-gilberto-pickering.html. Série Alimento Sólido do site oDiscipulo.com, 2001

ROMILLY, Jacqueline de. **Fundamentos de Literatura Grega**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHNELLE, Udo. **Introdução a Exegese do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2004.

SPAGGIARI, Bárbara & PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da crítica textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

STEGEMANN, Ekkehard W. e Stegemann, Wolfgang. **Historia Social del Cristianismo Primitivo – Los inicios em el judaísmo y las comunidades cristianas em el mundo mediterrâneo**. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2001.

STRONG. **Dicionário bíblico strong - Léxico hebraico, aramaico e grego de Strong**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

TENNEY, Merril C. **O Novo Testamento: Sua Origem e Análise**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1995.

THOMPSON, John A.. **A bíblia e a arqueologia quando a ciência descobre a fé**. São Paulo: Editora Vida Cristã, 2007.

TREVOR-ROPER, Hugh. **A formação da Europa Cristã**. Lisboa: Editorial Verbo, 1966.

VIELHAUER, Philipp. **História da Literatura Cristã Primitiva: Introdução ao Novo Testamento, aos apócrifos do Novo Testamento e os Pais Apostólicos**. Santo André: Academia Cristã, 2012.

WEST, Martin L. **Crítica textual e técnica editorial**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

